

# Efeitos da pandemia sobre as empresas no Brasil

**Letícia Figueiredo Collado<sup>1</sup>, Marcelo Nakamura Saito<sup>2</sup>, Carla Graciane dos Santos<sup>3</sup>, Agnaldo Valentin<sup>4</sup>, André Gal Mountian<sup>5</sup>**

## Introdução

Este é o quinto de uma série de artigos de conjuntura sobre a crise sanitária do Coronavírus. Nas edições anteriores, foram explorados os dados sobre mercado de trabalho e saúde da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e denominada PNAD COVID19, assim como os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) sobre a evolução do trabalho formal.

Neste artigo foram utilizados os dados da Pesquisa PULSO Empresa do IBGE, que investigou empresas não financeiras representativas dos setores de Indústria, Construção, Comércio e Serviços. O método de coleta é a CATI - Entrevista por telefone assistida por computador pesquisa, e os dados são uma amostragem probabilística seguindo o âmbito da Pesquisa Industrial Anual – PIA, Pesquisa Anual da Indústria da Construção - PAIC, Pesquisa Anual do Comércio – PAC e Pesquisa Anual de Serviços

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Gestão de Políticas Públicas (EACH/USP) e pesquisadora do Núcleo de Estudos em Economia e Políticas Públicas (NEEPP).

<sup>2</sup> Discente do curso de Gestão de Políticas Públicas (EACH/USP).

<sup>3</sup> Discente do curso de Gestão de Políticas Públicas (EACH/USP).

<sup>4</sup> Docente do curso de Gestão de Políticas Públicas (EACH/USP) e pesquisador do Observatório Interdisciplinar de Políticas Públicas (OIPP) e do Núcleo de Estudos em Economia e Políticas Públicas (NEEPP).

<sup>5</sup> Docente do curso de Gestão de Políticas Públicas (EACH/USP) e pesquisador do Observatório Interdisciplinar de Políticas Públicas (OIPP) e do Núcleo de Estudos em Economia e Políticas Públicas (NEEPP).

– PAS. O cadastro para seleção é a união dos Cadastros Básicos de Seleção das quatro pesquisas citadas, extraídos do CEMPRE - Cadastro Central de Empresas, totalizando 4.076.130 empresas. Os Microempreendedores Individuais (MEIs) não estão incluídos, devido à não obrigatoriedade do cadastro destes nos registros administrativos do extinto Ministério do Trabalho, atual Ministério da Economia.

Em cada edição, foram entrevistadas 2.158 empresas, em média, sendo que na primeira quinzena 52,3% dos respondentes eram de pequeno porte (até 49 funcionários), 32,8% de médio (entre 50 e 499 funcionários) e 14,8% de grande porte (500 ou mais funcionários). Essa proporção apresenta mudança ao longo do período de pesquisa e, na última quinzena, a composição dos respondentes passou a ser de 43,1% de empresas de pequeno porte, 38,5% de médio e 18,4% de grande porte (IBGE, 2020).

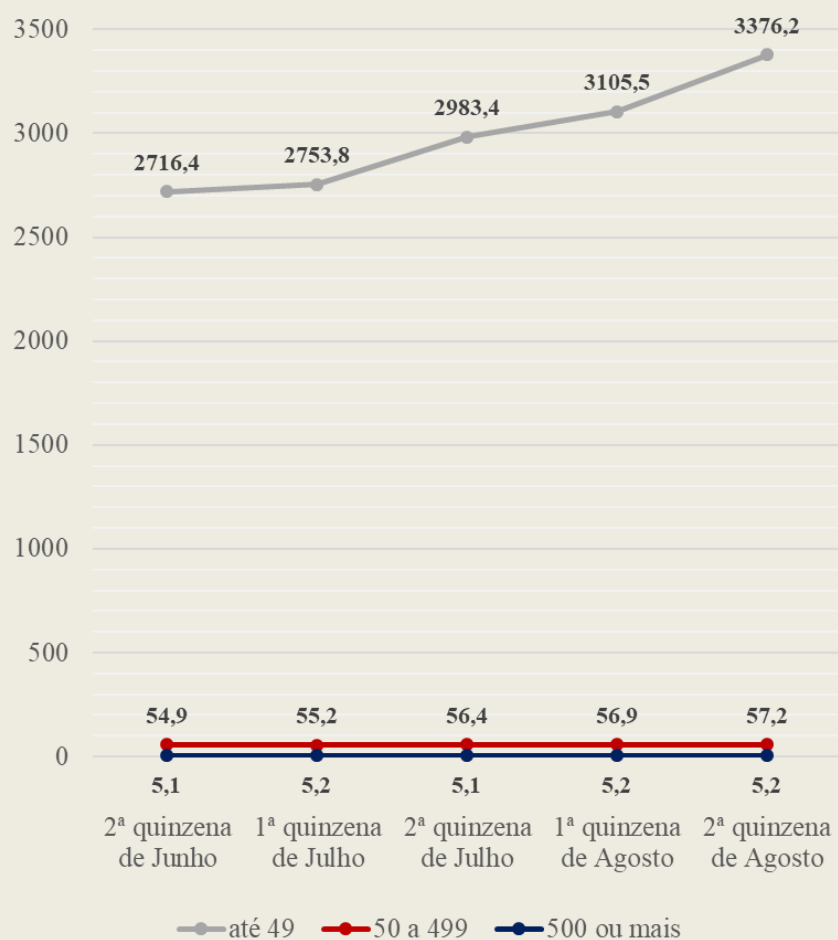
Já encerrada, cobriu o período de junho a agosto com frequência quinzenal. O escopo da pesquisa buscou compreender o impacto da pandemia nas empresas brasileiras sobre: a comercialização de seus serviços e produtos; a capacidade produtiva; condições de acesso à fornecedores; capacidade de realizar pagamentos de salários; número de funcionários; medidas adotadas em relação à pandemia; encerramento de empresas e suas causas; e acesso à crédito e postergamento de pagamentos de tributos auxiliados ou não pelo governo.

### **Impactos gerais**

A pesquisa revelou um crescimento no número total de empresas, como pode se observar no Gráfico 1, abaixo; destacam-se as empresas de pequeno porte, que registraram aumento de

659,8 mil empresas, um crescimento de 24,3% no período observado, entre as empresas de médio porte o aumento foi de 4,19%, e empresas de grande porte o aumento foi de cerca de 2%. É possível que o aumento possa ser explicado pela migração para o trabalho autônomo, resultado do aumento do desemprego e da queda da formalização em meio às condições de isolamento e redução de atividade econômica, como demonstrado nos artigos anteriores desta série.

**Gráfico 1.** Total de empresas em funcionamento por faixas de pessoal ocupado (em mil empresas) (junho-agosto).



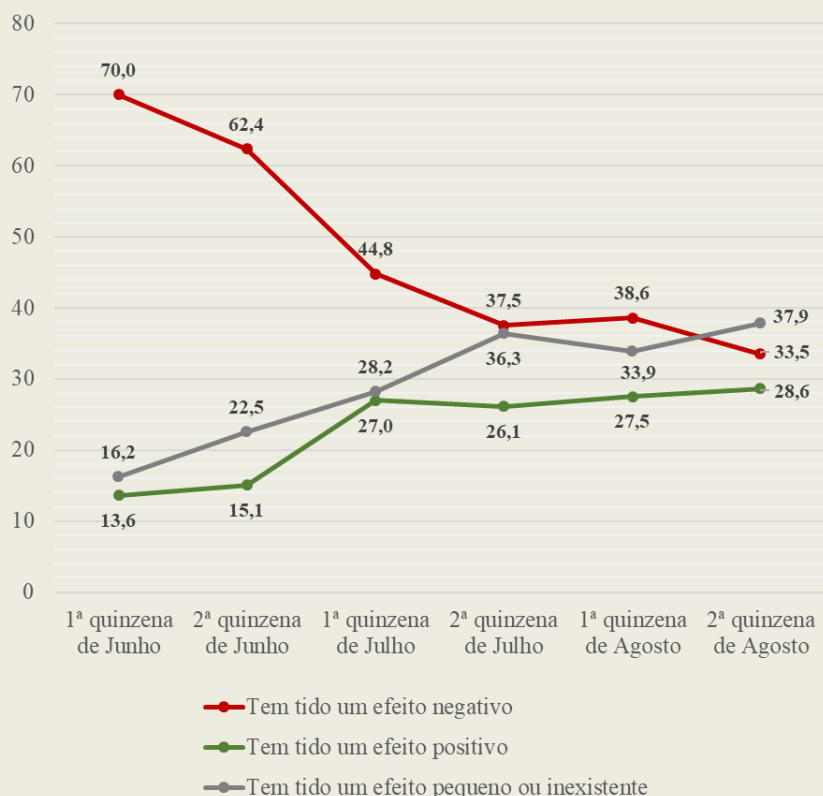
Fonte: IBGE (2020)

O aumento no total de empresas, entretanto, apresenta disparidades quando observado da perspectiva regional. No período entre a primeira e a segunda quinzenas de agosto, a região Norte destaca-se por apresentar taxa de crescimento negativa (-4,1%), divergindo em grande medida das regiões Sudeste e Sul, que apresentam taxas de crescimento de 10,5% e 10,8%, respectivamente. É possível apontar ainda, no que diz respeito aos tipos de atividades realizadas, que o aumento no contingente de empresas que atuam no comércio varejista destoa do restante entre as duas quinzenas do mês de agosto, apresentando uma taxa de crescimento de 21,7%. No mesmo período, a segunda maior taxa de crescimento é a do contingente de empresas que atuam com serviços de comunicação e informação, 14,4%, enquanto os grupos de empresas que atuam com serviços prestados às famílias e com comércio de veículos, peças e motocicletas são os únicos que apresentam queda, com uma taxa de -1,4% e -0,8%, respectivamente.

A percepção geral das empresas sobre os efeitos da pandemia apresentou rápida melhora, sobretudo nas quatro primeiras quinzenas da pesquisa, seguidas de uma relativa estabilidade nas duas quinzenas seguintes, conforme ilustrado no Gráfico 2. Na primeira quinzena de junho, em relação ao início da pandemia, 70% das empresas avaliaram um efeito negativo da pandemia sobre os negócios, enquanto na segunda quinzena de agosto esse número foi de apenas 33,5%. No entanto, essa mudança verifica-se de forma mais acentuada entre empresas de grande e médio porte do que entre empresas de pequeno porte; dentre as primeiras, 23,8% e 22,8%, respectivamente, declararam efeito negativo da pandemia na última quinzena de agosto, enquanto

33,7% das empresas de pequeno porte declararam efeito negativo no mesmo período. Entre as empresas que perceberam efeito pequeno ou inexistente, a taxa variou de 16,2% a 37,9%, entre a primeira e a última quinzena. Por fim, as que perceberam um efeito positivo variaram de 13,6% a 28,6%.

**Gráfico 2.** Percepção das empresas sobre o efeito da pandemia (% de empresas) (junho-agosto)

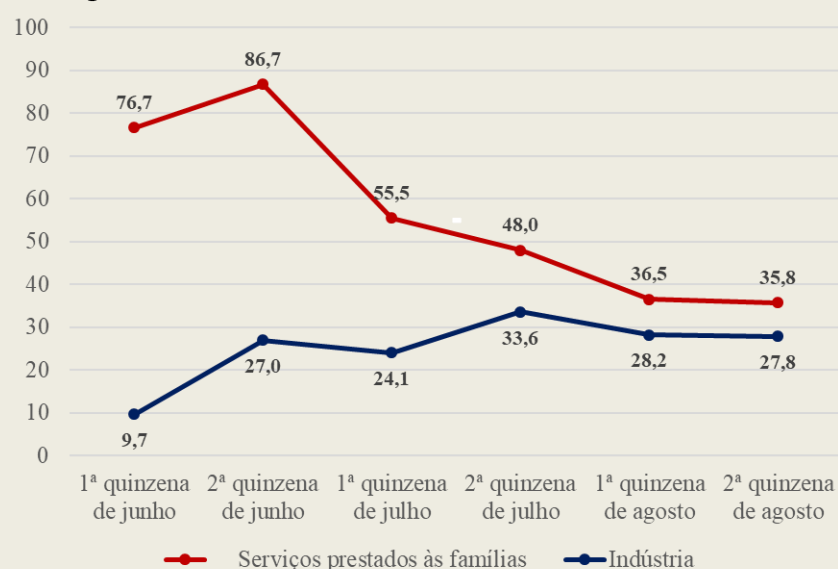


Fonte: IBGE (2020)

Setores mais sensíveis aos impactos do isolamento social, como os que prestam serviços às famílias, no qual se enquadram hotéis, restaurantes e bares, apresentaram até 86,7% de percepção negativa na segunda quinzena de junho, caindo para 35,8% ao fim de agosto. É possível que a queda seja, em parte, reflexo do recebimento do Auxílio Emergencial pelas famílias, que tem

efeito sobre seu nível de consumo de bens e serviços. Já a indústria teve percepção inversa. Na primeira quinzena, registrou 9,7% de percepção negativa, registrou aumento dessa percepção para 27,8% ao final da pesquisa, o que pode representar um impacto retardado na redução da demanda industrial (Gráfico 3). Importante frisar que apenas a primeira quinzena tem como referência o período da pandemia anterior à pesquisa, enquanto as subsequentes tomam como referência a quinzena anterior.

**Gráfico 3.** Efeito negativo da pandemia sobre as empresas de serviços prestados às famílias e indústrias (% de empresas) (junho-agosto)



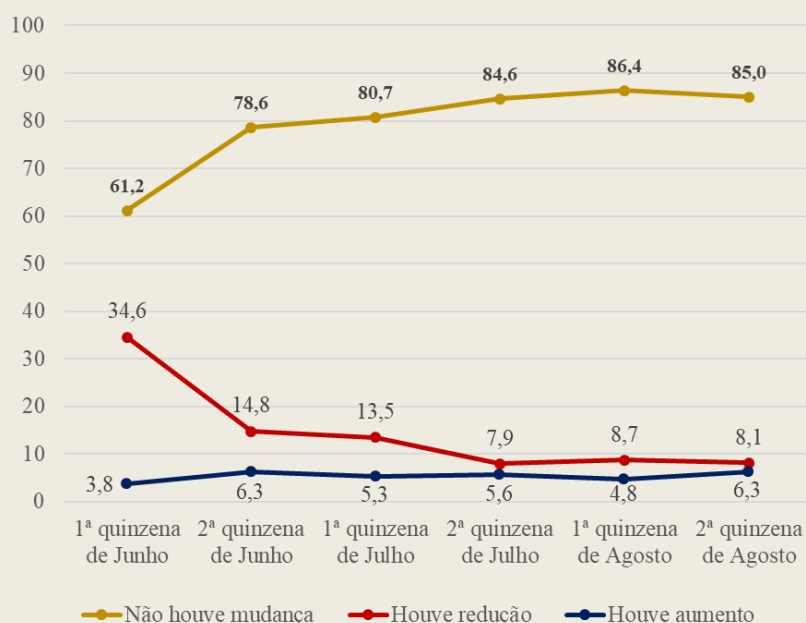
Fonte: IBGE (2020)

### Redução do quadro de funcionários

Ao longo das seis quinzenas de pesquisa, grande parte das empresas declarou não ter havido mudança no quadro de funcionários - 61,2% do total na primeira quinzena de junho, valor que cresceu e atingiu o patamar de 85% do total de empresas na segunda quinzena de agosto, conforme ilustrado no Gráfico 4. Na primeira quinzena da pesquisa (junho), 34,6% das empresas

relataram redução no número de funcionários; ao longo das próximas três quinzenas, a taxa sofreu grande redução, estabilizando e fechando o período de pesquisa no patamar de 8,1%, possível efeito da Política de Manutenção do Emprego e Renda. Entre os que responderam ter havido aumento, a taxa manteve-se relativamente estável, entre 3,8% e 6,3%.

**Gráfico 4.** Efeito da pandemia sobre quantidade de funcionários (% de empresas) (junho-agosto)



Fonte: IBGE (2020)

Destaca-se ainda que, na primeira quinzena de junho, 29,7% das empresas que relataram redução de funcionários declarou uma redução correspondente a mais de 50% de seu quadro. Este contingente apresentou queda ao longo das semanas, atingindo 7,1% na última quinzena da pesquisa. Por outro lado, as empresas que apresentaram redução inferior a 25% do quadro de funcionários correspondiam a 37,6% do total na primeira quinzena e, ao contrário, apresentaram crescimento significativo no período de pesquisa, atingindo seu pico na primeira

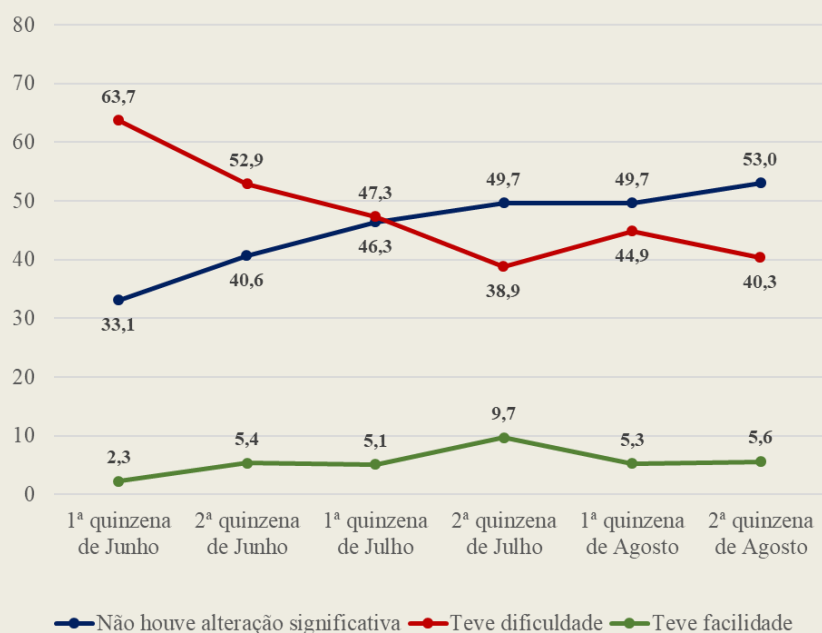
quinzena de julho, 70,8%, e voltando a cair nas quinzenas subsequentes até atingir 56,8% na segunda quinzena de agosto.

### **Capacidade de efetuar pagamentos**

Quando perguntadas sobre a capacidade de efetuar pagamentos de rotina, 63,7% das empresas relataram ter tido dificuldades (Gráfico 5), número que reduziu gradativamente durante as quatro primeiras quinzenas, estabilizando e atingindo 40,3% ao final do período, semelhante ao comportamento dos efeitos gerais representados no Gráfico 1. Enquanto a porcentagem de empresas que responderam não terem tido alterações significativas subiu de 33,1% para 53%, a porcentagem de empresas que tiveram facilidade dobrou, com aumento de 2,3% para 5,6%. Quando observados os dados segundo a quantidade de funcionários, até 64% das empresas de pequeno porte relataram maiores dificuldades na primeira quinzena, enquanto apenas 35,6% das empresas com 500 ou mais funcionários declararam dificuldades. Este indicador possivelmente representa menor subjetividade quanto à percepção em relação aos efeitos gerais do segundo gráfico, por representar a capacidade financeira da instituição. É importante pontuar, entretanto, que há queda na quantidade de empresas de pequeno porte respondentes da pesquisa ao longo das quinzenas; as empresas de médio e grande porte apresentam maior capacidade de efetuar pagamento, o que pode explicar ao menos parte da melhora neste cenário.



**Gráfico 5.** Efeito da pandemia sobre a capacidade de pagamentos das empresas (% de empresas) (junho-agosto)



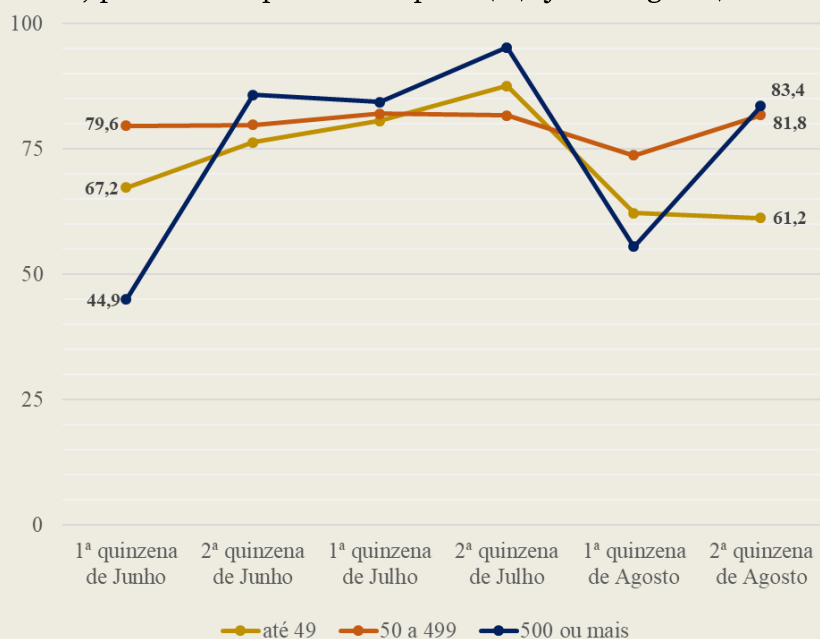
Fonte: IBGE (2020)

### Acesso ao crédito emergencial

Na segunda quinzena de agosto, apenas 11% das empresas declarou ter tido acesso a crédito emergencial para pagamento da folha salarial; o valor correspondia a 12,7% na primeira quinzena de junho e apresentou queda leve ao longo das seis quinzenas da pesquisa. Deste contingente, destaca-se que houve um aumento da parcela das empresas que tiveram acesso ao crédito com apoio do governo nas quatro primeiras quinzenas, de 67,7% para 87,4%, seguido de uma queda que atinge 61,6% na segunda quinzena de agosto. Verifica-se no Gráfico 6, ainda que 61,2% das empresas de pequeno porte que conseguiram uma linha de crédito emergencial o fizeram com apoio do governo. Em contrapartida, uma parcela mais significativa das empresas de

grande e médio porte que conseguiram linha de crédito emergencial o fizeram com apoio do governo na mesma quinzena - 83,4% e 81,8% respectivamente.

**Gráfico 6.** Empresas que conseguiram uma linha de crédito emergencial para pagamento da folha salarial com apoio do governo, por faixa de pessoal ocupado (%) (junho-agosto)



Fonte: IBGE (2020)

Nos três meses de duração da pesquisa PULSO Empresa, podemos observar os impactos da crise sanitária sobre as empresas, sobretudo em seu período mais crítico de infecção do vírus e de isolamento social. A percepção negativa das empresas sobre os impactos da pandemia foram altas (70%) porém decrescentes, sobretudo nas 4 primeiras quinzenas, tendendo a uma estabilidade posterior, comportamento semelhante ao apresentado nos dados sobre capacidade de pagamento. Cerca de 3 em cada 10 empresas registraram queda importante no quadro de

funcionários na pandemia, porém, a taxa de aumento não apresentou melhora relevante, ao passo que os que declararam estabilidade aumentaram, o que indica baixa recuperação das empresas. Importante pontuar que a pesquisa é um retrato das empresas “que sobreviveram”, por consequência, seus dados não são generalizáveis.

Houve crescimento de 24,3% das empresas de pequeno porte (até 49 funcionários), e a percepção negativa sobre a pandemia apresentou queda de 70% para 33,5%. Setores que prestam serviços às famílias como hotéis, restaurantes e bares registraram maior percepção negativa inicialmente, chegando a 86,7% na primeira quinzena de julho, caindo para 35,8% ao fim de agosto; já a indústria, demonstrou resistência inicial (9,7%) seguida de piora na percepção (27,8% em agosto).

### **Referências Bibliográficas**

IBGE. Pesquisa PULSO Empresa, disponível em: <<https://covid19.ibge.gov.br/pulso-empresa/>>, acesso em 18 de outubro de 2020.

IBGE. Diretoria de Pesquisas. Pesquisa PULSO Empresa - PPEmp. Nota técnica 01/2020 - Encerramento da pesquisa. 16 de outubro de 2020. Disponível em: <[https://ftp.ibge.gov.br/Pulso\\_Empresa/Notas\\_Tecnicas/Nota\\_Tecnica\\_Pesquisa\\_Pulso\\_Empresa\\_012020.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Pulso_Empresa/Notas_Tecnicas/Nota_Tecnica_Pesquisa_Pulso_Empresa_012020.pdf)>, acesso em 20 de outubro de 2020.